

PROGRAMAS E MEDIDAS DE BIOSSEGURANÇA E CONTROLE DE INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA DE SAÚDE



1.Souza, A. L. B. / Chagas, B. D. S. / Andrade, D. C. / Nascimento, D. S. N. / Souza, H. M. / Freitas, I. M. / Neto, L. M. M. / Sousa, M. A. / Silva, R. C. / Pimentel, R. S. / Regueira, P. G. / Spesse, R. P. / Rosas, L. A.



1- Acadêmicos de Graduação de Enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira, Niterói;
2- Professora de Graduação de Enfermagem da UNIVERSO, Niterói.

INTRODUÇÃO

As Infecções hospitalares são aquelas que possuem associação com a assistência de saúde em situação de internação em instituição de saúde, sua ocorrência é atribuída a déficits nas práticas de biossegurança e de higienização dos profissionais de saúde que prestam assistência direta ou indireta (ALMEIDA et al. 2019).

As principais infecções hospitalares e mais prevalentes incluem as infecções do trato respiratório, infecções do trato urinário, infecções em sítios cirúrgicos e infecções da corrente sanguínea. No qual, a infecção do trato respiratório tem sido desencadeada com frequência pela pneumonia, desenvolvida comumente em pacientes acamados, com disfagia, pacientes inconscientes e pacientes que fazem o uso de dispositivos invasivos, principalmente os dispositivos de suporte ventilatório (LEMOS, 2020).

O rápido diagnóstico da infecção é de extrema importância, pois o tempo de início da antibioticoterapia é determinante para mitigar os desfechos negativos e reduzir custos da assistência, para tanto deve ser realizado o monitoramento do paciente, além de consulta avaliativa e exames laboratoriais periódicos (ROCHA et al. 2019).

Nesse contexto, o enfermeiro possui protagonismo, pois estes profissionais estão mais próximos ao paciente e responsáveis pelas ações executadas no setor hospitalar e por isso possuem as competências gerenciais para fomentar a cultura de segurança do paciente e educar os profissionais de enfermagem em relação à condutas que priorizem a assepsia dos procedimentos relacionados à assistência (DIAS et al. 2023).

OBJETIVO

O objetivo da biossegurança hospitalar é a prevenção. No que tange ao meio ambiente hospitalar com base na ciência, estudos comprovados à treinamento dos profissionais da saúde é fundamental para controlar, reduzir e eliminar os riscos de contaminação do ambiente, para não expor os profissionais e pacientes, tem equipes capacitadas que trabalham com base em notificações de infecções hospitalares.

METODOLOGIA

Este artigo utilizou do método de revisão integrativa de literatura, empregado na base de dados da biblioteca virtual de saúde (BVS). A pesquisa se deu pelo uso dos descritores “Programa de Controle de Infecção Hospitalar”, “Infecção Hospitalar” e “Controle de Infecções” combinados e recombinados com os operadores booleanos OR e AND. Para serem incluídos nesse estudo os artigos deveriam ser publicados em um intervalo inferior a cinco anos, ou seja, a partir de 2018, apresentar seus textos completos e gratuitos e serem escritos em português. Foram excluídos artigos repetidos, e que não se enquadram nos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. O conhecimento dos profissionais de saúde a respeito das condutas para prevenção de infecção hospitalar.

Um estudo realizado em um hospital universitário localizado na região Centro-Oeste demonstrou que os profissionais de saúde possuem déficits importantes no conhecimento a respeito das condutas de segurança do paciente e de higienização e desinfecção das mãos e utensílios utilizados no cuidado ao paciente, o que reflete em suas condutas que acabam por apresentar falhas nesse sentido, que são notadas pelos gestores da unidade ao avaliá-los (BEZERRA et al. 2021).

Por outro lado, Oliveira et al. (2019) demonstrou que os profissionais de saúde em seu processo de formação recebem conhecimento sobre a correta higienização das mãos, e o absorvem para o restante de sua vida profissional, no entanto, na rotina laboral não ocorre a adesão das práticas aprendidas.

1.2. O papel do enfermeiro nos Programas de Controle de Infecção Hospitalar. O estudo de Santos, Padoveze e Lacerda (2020) demonstrou que os hospitais de menor porte, com até 70 leitos, possuem conformidade em sua estrutura e organização com a cultura de segurança do paciente e controle de infecção hospitalares, o que fortalece a relevância de sua adoção por outros hospitais de igual ou maior vulto. A maioria desses programas são de diligência dos enfermeiros, e se recomenda atuação exclusiva por parte desses profissionais, o que não é percebido na rede privada de saúde.

É importante ressaltar, que apesar da efetividade desses programas em mitigar eventos de infecção hospitalar e diminuir riscos de desfechos negativos relacionados a esta ocorrência, a experiência profissional, o tempo de carreira e especialização profissional no gerenciamento desses programas interferem nos resultados produzidos, o que denota a necessidade da contratação de profissionais capacitados ou estímulo à formação continuada dos profissionais que atuam diretamente no gerenciamento de infecções hospitalares (OLIVEIRA, LACERDA, 2019).

Outro ponto crítico dos Programas de Controle de Infecção hospitalares apontado pela literatura é seu monitoramento, e diante a isto, Janotti e Júnior (2018) construíram um questionário para ser destinado a todos os trabalhadores de saúde que atuam em hospitais e a gerência, para avaliar a efetividade e desafios desses programas.

A tecnologia pode ser utilizada como ferramenta nesses programas, como demonstram Alvim e Couto (2019) ao desenvolver um aplicativo móvel com instruções e instrumento de avaliação sobre a lavagem e desinfecção das mãos dos profissionais de saúde para a assistência ao paciente, fomentando a cultura de segurança do paciente e de combate a infecções hospitalares.

Higienize as mãos com água e sabão



CUIDADO PARA NÃO ENCOSTAR IMEDIATAMENTE EM OUTROS LUGARES

CONCLUSÃO

Este estudo apresentou limitações no que concerne às práticas de prevenção de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde, em formato de procedimentos técnicos, além da dificuldade referente à escassa quantidade dos estudos sobre medidas de prevenção de infecção hospitalar que não tratassem da higienização das mãos dos profissionais de saúde, deixando claro a necessidade de implementação de mais estudos detalhados nas instituições de ensino superior de enfermagem, de forma a ampliar o conhecimento e prática na assistência à saúde na prevenção de infecções deste caráter.

Quanto aos objetivos da pesquisa se observou que apesar dos profissionais de saúde possuírem conhecimento sobre a higienização correta das mãos e condutas que privilegiam a segurança dos pacientes, não há adesão dessas condutas pela maioria dos profissionais.

REFERÊNCIA

- ALMEIDA, Wagner Bechoner et al. Infecção hospitalar: controle e disseminação nas mãos dos profissionais de saúde de uma Unidade de Terapia Intensiva. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 11, n. 2, p. e130-e130, 2019.
- ALVIM, André Luiz; COUTO, Braulio. Hands clean—taxa automática para higienização das mãos: desenvolvimento de aplicativo para controladores de infecção. Enfermagem em Foco, v. 10, n. 3, 2019.
- BEZERRA, Thaissa Blanco et al. Clima de segurança e a prática de higiene das mãos: percepção de trabalhadores e gestores. Revista de Enfermagem UFPE online. Recife: UFPE, 2006-. Vol. 15 (2021), e247896, 2021.
- DIAS, Larissa et al. o papel do enfermeiro frente às ações de prevenção e controle de infecção hospitalar em unidade de terapia intensiva adulto. revista de saúde dom alberto, v. 10, n. 1, p. 45-68, 2023.
- SANTOS, Priscilla Ladislau Carneiro; PADOVEZE, Maria Clara; LACERDA, Rúbia Aparecida. Desempenho dos programas de prevenção e controle de infecções em pequenos hospitais. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 54, 2020.
- OLIVEIRA, Hadelândia Milon; LACERDA, Rúbia Aparecida. Variáveis intervenientes no desempenho dos programas de controle e prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Ciência, Cuidado e Saúde, v. 18, n. 2, 2019.
- JANOTTI, Leticia; JUNIOR, Walter Vieira Mendes. Adequação de um instrumento de monitoramento de higienização das mãos de um hospital do Rio de Janeiro. Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção, v. 8, n. 3, p. 195-203, 2018.

COMO EVITAR INFECÇÃO HOSPITALAR

